



**MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM
SAÚDE**

Gérson Pereira Moraes

***A banda *The Smiths*: seu contexto sócio-histórico e o apelo ao
suicídio***

Rio de Janeiro

2010

Gérson Pereira Moraes

**A banda *The Smiths*: seu contexto sócio-histórico e o apelo ao
suicídio**

Monografia apresentada à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial à
obtenção do diploma do Grau Técnico de
Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde.

**Orientadoras: Luciana Maria da Silva Figueiredo
Valéria Fernandes de Carvalho**

Rio de Janeiro

2010

Gerson Pereira Moraes

A banda The Smiths: seu contexto sócio-histórico e o apelo ao suicídio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no curso técnico de nível médio em
saúde com habilitação em Laboratório em
Biodiagnóstico em Saúde

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Luciana Maria da Silva Figueiredo, EPSJV – Fiocruz.

Paulo Henrique Andrade, EPSJV – Fiocruz.

José Vitor Regadas, EPSJV – Fiocruz.

*Dedico este trabalho:
à minha família;
aos meus amigos;
e as minhas pacientes orientadoras;*

AGRADECIMENTOS

Há um tempo eu já venho pensando no que eu escreveria nesse espaço. Não queria me perder em clichês ou ficar em linearidades bobas, mas sinto que existem pessoas que não podem ser esquecidas de forma alguma.

Agradeço, inicialmente, ao grande arquiteto do Universo. Deus? Chame de como quiser. Mas sem ele, esse trabalho não estaria sendo concluído, eu não estaria aqui e você, provavelmente, não estaria aí, agora, lendo essas palavras.

Aos meus pais, seres fundamentais na construção do que sou, pro bem e pro mal. Se não fossem eles, com suas loucuras e particularidades, cobranças e brincadeiras, eu não teria chegado onde estou.

Aos meus irmãos da Ordem DeMolay, principalmente ao Vinicius, Thiago e Wladimir. Foram e são muito importantes na minha vida nesses últimos anos.

Aos amigos queridos que deixei em minha passagem pelo Pedro II. Nos primeiros dias de EPSJV, morri de saudade de cada um e pela força que a amizade tem, após esses 3 anos continuamos mais amigos do que nunca. Esse espaço é de Alarice, Bernardo e Thiago.

Às fenomenais pessoas que me acompanharam nessa jornada enlouquecedora, nesses três anos. Como poderia esquecer do Grupo E? Luiza, Victor, Julia e Laryssa foram muito mais do que amigos. Muito mais. Ao lado deles, me senti muito mais forte.

Não poderia deixar de agradecer a “diretoria” composta pelos heterogêneos: Vítor Mion, Leonardo Leo-Leo, João Lucas e João Marcos. Sem esquecer das grandes amigas e companheiras Mayara, Eliane, Lara e Di Chiara. Amo cada uma de forma especial. Não posso esquecer também do meu incrível parceiro de estágio, Tiaguinho. Agradeço à turma como um todo.

Ao meu irmão Lauro, que, quando pensei em desistir, mesmo estando muito longe, trouxe até mim um sentimento de esperança e vontade.

Reconheço também o companheirismo da galera da CDO, que continuaram sendo meus amigos, mesmo com meus incríveis furos com a desculpa que estava fazendo monografia.

Agradeço, carinhosamente, a dupla de Orientadoras que tive. Pela grande paciência e dedicação que tiveram comigo. Por nossas grandes e boas conversas e dias inteiros de orientação. Foram grandes amigas e que não só me orientaram a fazer uma monografia, mas como ter disciplina para seguir em frente. E também agradeço a todo corpo docente que me aturou durante esses três inesquecíveis anos.

Por fim, achando que esqueci alguém, venho agradecer a uma lista de coisas que estiveram bastante presentes nesses 3 anos e por mais bobas que pareçam, são bem importantes: Obrigado Flamengo (Hexa). Obrigado Café. Obrigado Coca-Cola. Obrigado Dream Theater. Obrigado Coldplay. Obrigado Beatles. Obrigado Gladiador. Obrigado Death Note. Obrigado Heroes. Obrigado Paciência Spider. Obrigado Orkut. Obrigado MSN. Obrigado Riocard. Obrigado cama. E obrigado a todas as coisas fúteis que devo ter esquecido.

Agradeço ao amor, poesia e saudade. Ao sim e não. Ao início, meio e fim. Chega de agradecimentos.

“A musica me transmite hoje sensações como eu nunca senti antes. Ela me libera de mim mesmo, ela me separa de mim mesmo como se eu me olhasse, como se eu me percebesse de muito longe: ao mesmo tempo ela me fortalece, e sempre após uma noite musical (...) a minha manhã transborda de idéias e pensamentos corajosos. É como se eu estivesse mergulhado num elemento mais natural. A vida sem música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio...”
(Nietzche)

RESUMO

Os anos 80 tiveram grande importância na história do mundo nos âmbitos político, econômico e social, posto que muitos países passavam por transformações drásticas. Os países capitalistas viviam em um momento de pós-crise econômica (1973) e, por consequência, um misto de mudanças nas políticas sociais e seus mecanismos, nas relações econômicas, na atuação do Estado, assim como, nas forças sociais. A sociedade da época começa a experimentar a transição do Estado de Bem-Estar Social para o retorno de um liberalismo renovado após um período de inércia. Portanto, é nesse contexto sócio-histórico que a sociedade inglesa está inserida, sendo uma das pioneiras na propagação do pensamento neoliberal, devido à ascensão de Margaret Thatcher ao cargo mais importante do governo como Primeira Ministra, promovendo diversas práticas neoliberais. Trabalhadores perdem seus direitos trabalhistas pelos quais lutaram durante décadas e um sentimento de desespero começa a rondar os ingleses. Nesse cenário, a música desponta mais uma vez como meio de expressão social e é, nesse contexto, que surge a banda *The Smiths*, cantando canções que denunciam a falta de esperança em um mundo melhor, vivida pela juventude britânica. Desse modo, o suicídio torna-se um tema presente nas letras da referida banda. Para compreender tal apelo, uso como referência Émile Durkheim, sociólogo, e o historiador e filósofo Karl Marx. O primeiro, reconhecidamente, em sua obra *O suicídio* propõe um novo paradigma para compreensão de tal fenômeno. O segundo, em um livro pouco conhecido por seus leitores, aborda a temática do suicídio, demonstrando que este tem suas causas na sociedade burguesa e ressaltando a urgência de uma grande reforma, a fim de evitar esse fenômeno social, que é entendido por muitos como um ato covarde.

Palavras Chave: Música, The Smiths, Suicídio, Neoliberalismo, Durkheim, Marx.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	9
II. APRESENTAÇÃO.....	11
2.1. OBJETIVOS.....	11
2.1.1 Objetivo Geral.....	11
2.1.2 Objetivo específico.....	11
2.2 JUSTIFICATIVA.....	11
2.3 METODOLOGIA.....	11
III. A BANDA.....	12
IV. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO.....	16
V. O SUICÍDIO COMO FENÔMENO SOCIAL.....	25
VI. LETRAS E ANÁLISE.....	33
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
ANEXOS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

I. INTRODUÇÃO

Devido a minha aproximação com a língua inglesa, por conta do meu gosto musical, no início, queria desenvolver um trabalho que abordasse a influência de músicas e bandas do Reino Unido no Brasil. Aliado a isso, havia a compreensão da importância do inglês em âmbito global e sua difusão através da música.

Além disso, entendida a música como um dos fenômenos que favorecem a mundialização da referida língua estrangeira (Lacoste, p.11: 2005), achei que seria imprescindível dar relevância à linguagem. Desse modo, aquela idéia inicial foi, aos poucos, sendo burilada, até o momento em que o interesse principal passou a ser a análise da trajetória de algumas bandas inglesas e suas respectivas letras, identificando nestas críticas à sociedade. Pretendia, assim, desconstruir o senso comum que considera as músicas escritas em língua inglesa apenas como músicas que tratam de temas superficiais ou relacionados ao amor, sem nenhuma complexidade ou visão crítica.

Com esse olhar, pesquisei e analisei tanto a trajetória quanto as letras de bandas que despontaram no cenário musical da Inglaterra em diferentes momentos, tais como *Sex Pistols* (segunda metade da década de 70), *Simply Red* e *The Smiths* (ambas contemporâneas da década de 80) e a mais recente *Coldplay* (década de 90).

Ao perceber, de forma mais clara, que parte significativa das letras das músicas das referidas bandas, não só era carregada de críticas sociais em diversos aspectos, mas também tinha grande apelo ao público – fui definindo o que pretendia estudar, pois esta percepção despertou em mim o interesse em entender a relação do sucesso destas bandas com o contexto sócio-histórico no qual aquelas letras de músicas foram produzidas.

Vale ressaltar que os anos 80 podem ser descritos como um momento de transição do Estado de Bem Estar Social para o Neoliberalismo, contexto no qual as medidas apresentadas como solução para a crise do capitalismo apontavam para o questionamento e desconstrução dos direitos e conquistas sociais, ocasionando grande insegurança no que diz respeito à perspectiva de vida.

Tendo em vista as limitações de tempo e escopo para o desenvolvimento da monografia, decidi optar por uma banda apenas. Escolhi *The Smiths* por ter sido uma banda

que, apesar da breve carreira (1982 a 1987), teve grande apelo à juventude de seu país com letras recheadas de críticas sociais.

De acordo com Justin O'Connor, especialista em música e na cena cultural de Manchester, cidade de origem da banda, os *The Smiths* tiveram um impacto singular na cultura popular. Em suas palavras:

Eles não se pareciam com ninguém, não soavam como mais ninguém, e a música deles tinha uma profundidade emocional que mexia com as pessoas de uma forma que nenhuma outra banda conseguiu antes ou depois. (O'CONNOR, 2000)

Dentre as temáticas abordadas nas letras, escritas em sua maioria por Morrissey, vocalista da banda, identifiquei o suicídio como a temática que surge com mais relevância e, por isso, foco deste estudo. Cabe enfatizar que tal temática será tratada essencialmente com base na perspectiva de Durkheim e Marx, abordada no capítulo V.

II. APRESENTAÇÃO

Na seção anterior, destaquei as motivações que me levaram a eleger o tema dessa monografia, o processo de construção do meu objeto de pesquisa, bem como a seleção do referencial teórico. Nesta, vou explicitar os objetivos, o roteiro metodológico e a relevância desse estudo.

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 Objetivo Geral

Discutir a relação entre a temática do suicídio, recorrente nas letras dos *The Smiths*, e o contexto sócio-histórico que serve de cenário para o sucesso dessa banda.

2.1.2 Objetivos Específicos

- Descrever o contexto sócio-histórico - Inglaterra dos anos 80.
- Problematizar o suicídio como uma questão social.
- Analisar as letras da banda, compreendendo a linguagem como ação no mundo social.

2.2 METODOLOGIA

O roteiro metodológico deste estudo compreende:

- Levantamento bibliográfico.
- Pesquisa sobre a trajetória da banda em questão.
- Seleção de letras e identificação da temática de interesse.
- Tradução e posterior análise dessas letras.

2.3 JUSTIFICATIVA

A relevância do presente trabalho reside, entre outros, no fato de contribuir para a compreensão do suicídio do ponto de vista sócio-histórico. Ademais, ajuda a desconstruir aquela idéia, mencionada anteriormente, de superficialidade das letras em inglês. Além disso, alio meu gosto musical - *Rock* - ao meu processo de construção de conhecimento em uma língua estrangeira - neste caso, a língua inglesa. Por fim, destaco que meu estudo propõe o

resgate do valor de uma banda cara a uma geração que testemunhou e vivenciou os acontecimentos dos anos 80.

III. A BANDA

Em 1982, Johnny Marr, autor de resenhas da *Record Mirror*, uma revista semanal inglesa que tinha como leitores fãs de música pop, sendo a pioneira no Reino Unido¹ a listar os álbuns mais vendidos no país e que também já havia sido guitarrista em diversas bandas sem obter grande sucesso, estava à procura de um letrista para suas músicas e sugeriu a idéia de formar uma banda para Stephen Patrick Morrissey, presidente da filial do fã clube da banda *New York Dolls*, ex-cantor da banda punk *The Nosebleeds* e autor de dois livros, um sobre o *The New York Dolls* e outro sobre o ator americano James Dean. Portanto, essa união formou a base para a criação da banda *The Smiths*.

Do noroeste da Inglaterra, os membros da banda são da cidade de Manchester, que fica a 263 quilômetros da capital da Inglaterra, Londres. A cidade de Manchester concentra sua economia basicamente nas atividades industriais e tem grande importância histórica, visto que, na Revolução Industrial, foi a primeira a usar a máquina a vapor para benefício das indústrias têxteis.

O nome *The Smiths* foi criado como uma reação de Marr e Morrissey contra todas as bandas que os antecederam e eram de sua época, cujos nomes eram complexos em uma tentativa de abrilhantar os seus trabalhos por suas nomeações. Podemos usar como exemplo disso as bandas: *Orchestral Manoeuvres in the Dark*, *The Black Math Experiment*, *Depeche Mode*, *Classix Nouveaux* e *A Flock of Seagulls*. Desta forma, Marr e Morrissey almejavam mostrar para seu público que a banda era formada de pessoas “comuns” e para pessoas “comuns”, por isso escolheram tal denominação, inclusive em shows da banda, se vestiam de forma o mais simples possível. Em uma entrevista de 1984, Morrissey explica porque escolheu esse nome para banda, dizendo “era o nome mais comum que se poderia escolher; está na hora das pessoas normais mostrarem sua face” (tradução livre). É preciso ressaltar que o sobrenome *Smith* na Inglaterra equivale ao sobrenome Silva no Brasil.

Formada a base da banda, Marr escolheu dois companheiros de faculdade para completá-la, trazendo Andy Rourke como baixista e Mike Joyce para ser o baterista. Em sua história, *The Smiths* já foi classificado como *Pop*, *Pop-Rock*, *Alternativo*, *Indie*, porém a classificação mais aceitável foi a genérica Rock Inglês (*Brit Rock*).

¹ Reino Unido: Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte

Em setembro de 1982, a banda estréia nos palcos, fazendo shows esporádicos em bares de Manchester, chegando a rejeitar o contrato de uma gravadora chamada *Mancunian Factory Records*. Porém, em uma apresentação na *University Union of London*, um grupo da *Rough Trade Records* (uma gravadora pequena e independente) assistiu ao show da banda e os convidaram a gravar um *single*² da música *Hand in Glove*. Essa música virou sensação no cenário *underground*³ do Reino Unido, chegando ao topo de listas de sucessos independentes, sendo considerada como “a música de amor mais sofisticada da época”, de acordo com a crítica.

Mas é com *This Charming Man* que a banda *The Smiths* chega ao auge, levando a *Rough Trade Records* às alturas, e, portanto, o maior sucesso de vendas da gravadora. É nesse momento que a banda começa a se emancipar e ficar conhecida por todo o Reino Unido.

Em fevereiro de 1984, a banda lança o LP homônimo *The Smiths*, que, na estréia, já vira um *Best Seller* e é aclamado por toda crítica inglesa, atingindo a segunda colocação na lista dos CD mais vendidos do Reino Unido e tendo excelentes músicas como *Still ill, What difference does it makes?* e *Pretty Girls Make Graves*.

Em 1985, *The Smiths* volta a abalar o Reino Unido com o LP *Meat is Murder*, alcançando finalmente a primeira colocação nas paradas. Esse LP contém vários sucessos, tais como *That Joke Isn't Funny Anymore*, *How Soon is Now?* e *Nowhere Fast*.

Já em 1986, considerado pela crítica com uma das obras-primas do Rock inglês da década, *The Smiths* lança o *The Queen is Dead*, chegando ao topo das paradas inglesas e, ineditamente, a banda chega ao Top 100 das paradas americanas. Esse álbum tem grandes sucessos da banda, a saber: *Bigmouth Strikes Again*, *The Boy With Thorn in His Side*, entre outras.

No final de 1987, a banda apresenta seu último disco, antes de sua separação, disco esse chamado *Strangeways*. O álbum que não sintetiza mais o auge da banda, atingido em *The Queen is Dead*, mostrava que *The Smiths* estavam em uma fase de transição, por causa de

² Uma única música comercial de bandas, conhecida como música de trabalho.

³ Expressão para designar ambiente cultural que foge dos padrões comerciais.

brigas entre Marr e Morrissey, porém esse álbum trouxe músicas como *Girlfriend in Coma*, *Last Night I Dream That Somebody Love Me* e *Stop me If You Think You've Hearded this One Before*.

Em agosto do mesmo ano, Marr confessa à imprensa que irá abandonar a banda, mas é em setembro que Morrissey confirma a separação e começa sua carreira solo. Em 1988, é lançado o álbum ao vivo *Rank*, gravado na turnê do *The Queen is Dead*. Depois, foram lançadas as coletâneas como *Best I* e *Best II*, com as melhores músicas.

Feito um breve relato da trajetória da banda, passo então a abordar o seu contexto sócio histórico.

IV. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

O presente capítulo objetiva analisar o processo de transição do Estado de Bem-Estar Social para o Estado Neoliberal, tendo em vista compreender as mudanças operadas no que diz respeito ao acesso e garantia aos direitos sociais, assim como, às condições e à perspectiva de vida da maioria da população. Pretende-se promover uma explicitação do contexto social no qual vivia a população europeia nos anos 1980, especificamente, a sociedade inglesa, para que se possa entender, a partir do cenário social do nascimento da banda *The Smiths* a temática do suicídio abordada em suas letras.

No final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com o Tratado de Versalhes, foram consagrados alguns direitos trabalhistas e previdenciários, mas apenas no final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é que se generalizou o sistema de proteção social ao indivíduo.

Existem interpretações que vêm a origem do Estado de Bem-Estar Social no audacioso plano de governo do presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, aplicado entre os anos 1933-1940, para combater os efeitos da crise de 1929⁴ e recuperar a prosperidade dos Estados Unidos. Esse plano, nomeado como *New Deal* (Nova Política), previa intervenções estatais defendidas, de forma inovadora e antiliberal, embora capitalista, por Keynes, pondo em prática medidas como:

- a) intervenção do Estado na economia por meio de programas de emergência de obras públicas, com vistas a atingir o pleno emprego;
- b) controle do sistema financeiro, libertando a política monetária das restrições do padrão ouro e desvalorizando o dólar para aumentar as exportações;
- c) regulamentação do incremento à produção industrial;
- d) controle da Bolsa de Valores e da subscrição das sociedades anônimas;
- e) criação de um Sistema de Seguridade social que abarcava a aposentadoria dos trabalhadores, o seguro-desemprego e a transferência de renda a famílias pobres com filhos dependentes;
- f) criação de um salário mínimo nacional;
- g) decretação da liberdade sindical e da convenção coletiva do trabalho;
- h) programas de apoio à obtenção da casa própria;
- i) controle dos preços e da produção na agricultura, dentre outras (PIERSON, 1991, apud, PEREIRA, 2008, p. 45-46).

⁴ O crash da bolsa de Nova Iorque em 29 resulta em um colapso econômico mundial causado pela superprodução com incapacidade de consumo populacional e pela grande especulação financeira.

Outro fator preponderante para a origem desta forma de regulação estatal foi o avanço do socialismo e das forças revolucionárias na Eurásia. Neste contexto mundial, passou a prevalecer, no ideário norte-americano, a real necessidade de uma nova forma de hegemonia, capaz de controlar os avanços comunistas e ao mesmo tempo garantir a reprodução da acumulação capitalista, fazendo frente às contradições do próprio sistema (TRUPPEL, 2007).

As relações de trabalho tiveram de ser revistas em diversos aspectos, por exemplo, ao ficar desempregado, o trabalhador tinha direito, até seu o reingresso no mercado de trabalho, ao seguro desemprego, ao salário-família e à formação profissional. (FALEIROS, 1991). Denominado por alguns autores de Estado do Bem-Estar ou *Welfare State* e, por outros, Estado de Providencial ou Estado Assistencial, e ainda de Estado Keynesiano essa política social garantia ao cidadão a oportunidade de acesso gratuito a serviços e à prestação de benefícios mínimos para parcela significativa da população. Para Faleiros (1991), o acesso geral à educação, à saúde e à justiça existente na Europa decorre de:

(...) direitos estabelecidos numa vasta legislação que se justifica em nome da cidadania. O cidadão é um sujeito de direitos sociais que tem igualdade de tratamento perante as políticas sociais existentes (FALEIROS, 1991, p.20).

Os anos que sucederam o fim da II Guerra Mundial são um marco na história do Capitalismo, pois a partir de então se inicia nos países capitalistas centrais a consolidação de uma nova estrutura social e econômica. Este período (1945-1973) foi caracterizado como: a idade de ouro do capitalismo. Segundo Harvey (1998:125), "*o crescimento fenomenal da expansão do pós-guerra dependeu de uma série de compromissos e reposicionamento por parte dos principais atores do processo de desenvolvimento capitalista*".

A idéia fundamental para os países do capitalismo central no pós-guerra era que eles pudessem atingir um conjunto de estratégias gerais, ligadas às empresas, trabalhadores, instituições, poder Estatal e relação com os demais países que viesse a estabilizar o capitalismo, que evitasse quaisquer tipos de repressão à acumulação e a sua melhor reestruturação, ou seja, se fazia necessário criar uma força política estatal e institucional capaz de regulamentar e controlar o que o capitalismo por si era incapaz de fazer: regular as condições essenciais de sua própria reprodução (TRUPPEL, 2007).

Conforme exposto acima, as ações tomadas para tentar minimizar ou reverter o quadro de desordens produzidas no período compreendido entre as guerras e pós-crise de 29, já sinalizavam uma tendência para que a transição de ação no capitalismo acontecesse.

Com o acordo de Bretton Woods⁵ feito pelos Estados Unidos e seus países aliados pretendia-se que o protecionismo, o recurso à deflação, as desvalorizações competitivas dessem lugar à cooperação internacional, a procura do pleno emprego e ao crescimento, em um contexto de liberdade de trocas.

Segundo Truppel (2007), os arranjos e transformações advindos no pós-II Guerra fundamentaram o início de uma transição de grandes proporções mundiais. Foi criado um novo padrão de acumulação capitalista fundamentado no fordismo/keynesianismo, que começava a ser desenhado para além do Estado norte-americano, local de sua origem. Passa a ser estabelecido e pulverizado como uma nova lógica da antiga máxima da acumulação. E, por conseguinte, novas relações sociais e econômicas passam a ser engendradas numa nova configuração de forças, cujo papel estatal de regulação se torna fundamental, senão decisivo.

O conjunto de medidas intervencionistas por parte do Estado para regulamentação da economia e bem-estar social objetivava compatibilizar à tendência de acumulação e valorização do capital. Para Truppel (2007), o fordismo/keynesianismo veio a retratar esta força, através da estratégia assumida pelos capitalistas e seus Estados, em alguns países, onde através de políticas sociais compensatórias buscou-se a fidelidade das massas, legitimando a ordem capitalista. Em troca da garantia de empregos, melhores salários e condição de vida, os trabalhadores aceitam os lucros do capital.

O fordismo não pode ser considerado apenas como um conceito teórico ou um mero sistema de produção, pois agrega bem mais do que isso, fazendo com que o período pós-II Guerra seja marcado por um grande conjunto de regras que passam a garantir o progresso geral e coerente da acumulação do capital (TRUPPEL, 2007). Sua produção em massa implicava na padronização do produto e no consumo em massa, o que gerava uma nova estética e mercadificação da cultura (HARVEY, 1992). Subjacente ao desenvolvimento do

⁵ Determinado ordenamento monetário que vigorou durante uma fase circunscrita da história econômica mundial (1946-1973). Para Fiori (1994), único exercício de “governança global” na história capitalista.

Welfare State, propiciado pelo alargamento da visão econômica possibilitado pela macroeconomia Keynesiana e baseado na seguridade social, surge um acordo entre as classes.

O chamado “compromisso fordista” não se deu diretamente entre o conjunto da classe trabalhadora, mas entre representantes oficiais das grandes corporações e dos sindicatos. Tratava-se de líderes de organizações sindicais e políticas do movimento operário, de um lado, e líderes de organizações profissionais do patronato, de outro, com o Estado entre elas, presente ao mesmo tempo como juiz e como parte interessada. Dessa forma, o Estado assume uma posição reguladora, encarregando-se de colocar o “compromisso” em prática, visando ao interesse geral do capital, sendo o reforço para a aplicação e afirmação deste. Com isso:

“(...) emergiu o chamado compromisso fordista; o pacto social em escala internacional. Compromisso que podemos sintetizar, em linhas muito genéricas, da seguinte forma: os capitalistas não se preocupavam com os altos salários, desde que, obviamente, as centrais sindicais não tentassem limitar a acumulação e os lucros capitalistas”. (DIAS, 1996, p. 15).

Para caracterizar definitivamente a coesão sistêmica do capitalismo nos seus anos dourados, o “Compromisso Fordista” pode ser tomado como uma das principais expressões do *Welfare State* ou o Estado de Bem Estar Social. Compromisso esse que acabou em certa medida redistribuindo os ganhos de produtividade aos assalariados nos países centrais do capitalismo.

ESPING-ANDERSEN (1991), propõe uma nova nomenclatura para uma tipologia do que ele chama de “regimes de *Welfare State*” e fala sobre três grandes grupos, com critérios essenciais de diferenciação entre si em seus regimes, onde temos:

- i. *Welfare State* Liberal – Predominam a assistência comprovadamente aos pobres, reduzidas transferências universais ou planos modestos de previdência social e onde as regras para habitação aos benefícios são estritas e muitas vezes associadas ao estigma. Ex: Estados Unidos, Canadá e Austrália;
- ii. *Welfare State* Conservador e fortemente Corporativista – Predomina a preservação da diferença de status; os direitos estão ligados à classe e ao status. Ex: França, Alemanha e Itália;
- iii. Regimes social-democratas – Universalismo e a desmercantilização atingem amplamente a classe média e “onde todos os segmentos sociais são incorporados a um sistema universal de seguros no qual todos são simultaneamente beneficiários,

dependentes e, em princípio, pagadores”. Ex: Países escandinavos. (KORNIS, 1994, apud, FIORI, 1993, p. 7)

Ao analisarmos as diferentes perspectivas de regimes que o *Welfare State* pode assumir, percebe-se, um denominador comum na tipologia proposta por Esping-Andersen, qual seja: A ampliação da assistência e do acesso aos direitos sociais fundamentais. A partir disso, pode-se enumerar as explicações para a sua construção e sua expansão, segundo Fiori (1993):

- i. a natureza, forma e ritmo do desenvolvimento econômico
- ii. o grau, intensidade e organicidade da mobilização da classe operária;
- iii. o grau do avanço do desenvolvimento político-institucional
- iv. a extensão ou impacto do efeito de difusão das inovações ocorridas nos países paradigmáticos;
- v. a forma peculiar e a intensidade em que se desenvolve a luta política envolvendo os partidos que tradicionalmente representaram o mundo do trabalho.

Após um período de grande regulação e intervenção estatal que promoveu um “capitalismo virtuoso” em um período de quase 30 anos em que a economia crescia aceleradamente, com o desemprego muito baixo e inflação reduzida (PAULANI, 2006), começa a surgir impasses que levaram a uma crise econômica mundial que se expressou em diversos aspectos, provocando mais à frente uma gradativa mudança do antigo modelo econômico político-social. Anderson explica o que aconteceu naquele momento e sua importância:

A chegada da grande crise do modelo econômico do pós-guerra, em 1973, quando todo mundo capitalista avançado caiu em uma profunda recessão, combinando, pela primeira vez, baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, mudou tudo (ANDERSON, 1995, p.10).

As décadas de 50 e 60 evidenciaram um forte crescimento na internacionalização do capital norte-americano, o que fez que nesse período se mantivesse as bases de acumulação e hierarquia no sistema interestatal, porém, em meados de 60, já se percebia a necessidade de modificações na organização de produção de mercadorias, para corresponder a concorrência que estava cada vez mais acirrada. Foi necessário que as relações internacionais fossem intensificadas. Nesse contexto as multinacionais passam a desempenhar papel relevante, essas

corporações abriram o mercado mundial ao capital americano e tinham como área de atuação os países recém-descolonizados e na Europa reconstruída, fazendo ao decorrer do tempo que os espaços econômicos dessas regiões fossem ocupados, produção e comércio fossem intensificados, concretizando um excelente período para expansão destas empresas (TRUPPEL, 2007).

O acirramento da concorrência limitou o espaço de entrada para empresas, ademais, países da Europa e Japão reconstruídos passam a também mobilizar e estimular suas multinacionais a buscar novos mercados, elevando mais ainda a competição entre corporações. Tais empresas não eram atípicas no âmbito capitalista mundial, mas impressionavam pela independência que adquiriram em relação ao Estado e pela mobilidade de seu capital, fator que configurou a década de 60 e este presente nos anos seguintes.

Em meados de 60, a queda de lucratividade nas empresas capitalistas pelo mundo era evidente, o capitalismo presenciava mais uma de suas crises cíclicas de superprodução, que enunciava o esgotamento de um padrão de acumulação. Frente ao grande excedente de mercadoria sem utilização, era preciso racionalizar os custos e o processo de trabalho, tal como flexibilizar sua alocação e uma reorganizar profundamente suas bases de acumulação.

O esforço empreendido até o momento teve como objetivo descrever e analisar o fordismo/keynesianismo, pois a análise do desenvolvimento e da crise deste período é fundamental para compreendermos a emergência do estado neoliberal marcado pela hegemonia norte-americana no pós-II guerra, levando a uma nova fase de acumulação capitalista. Segundo Truppel (2007:32), “aspectos como a hegemonia dos EUA, a forte internacionalização do capital, a concorrência intercapitalista, a indústria e a tecnologia da ‘Paz Armada’, a competição entre EUA e URSS (Guerra Fria), bem como o esgotamento e crise do modelo fordista/keynesiano, tem relação completa e propulsora na fase posterior do capitalismo”.

Em meados dos anos 70, as crises do Petróleo (1973 e 1979)⁶, as crises fiscais dos Estados e o retorno da inflação, levam a crise do Estado de Bem-Estar. A elevação dos juros

⁶ O primeiro choque do petróleo em 1973, deve-se ao embargo realizado pelos países do Oriente Médio a venda do petróleo para os EUA, dado seu apoio a Israel na guerra do Yom Kippur (Dia do Perdão).

americanos por Paul Volcker (Presidente do Federal Reserve⁷) em 1979 é o ponto de consumação desse processo, que prepara o capitalismo para uma nova fase. Essa nova fase é marcada pela exarcebação da valorização financeira, intensificação do processo de centralização dos capitais e pela eclosão da terceira revolução industrial, com o surgimento de uma nova economia (PAULANI, 2006).

A partir de então, as idéias neoliberais começam a ganhar terreno, Hayek⁸ e companheiros que compartilhavam do mesmo pensamento identificam que a raiz dessa crise estava localizada no poder excessivo e “nefasto” dos sindicatos, sendo mais específico, no movimento operário, que teria corroído as bases da acumulação capitalista com suas pressões para reivindicar salários melhores e com sua força “parasitária” para obrigar o Estado a ampliar mais gastos sociais. Para eles, esses dois processos dificultaram a falta de lucratividade das empresas e desencadearam processos inflacionários nos países capitalistas viveram, culminando em uma crise generalizada das economias de mercado (ANDERSON, 1992).

Para Göran Theoborn:

O termo ‘neoliberalismo’ tem um significado específico no que concerne a um conjunto particular de receitas econômicas e programas políticos que começaram a ser proposto nos anos 70. (...) Por outro lado, ocorre no mundo uma mudança história nas relações institucionais entre Mercado e o Estado e entre as empresas e os mercados. Essa mudança não é um fruto de qualquer ‘projeto neoliberal’. Não se reduz ao um mero *produto político*, tampouco é o efeito de uma determinada ideologia econômica. Trata-se de uma mudança que tem por trás a força de uma configuração bem complexa.(THERBORN, 1992, p.139-140).

Segundo a concepção neoliberal, era preciso, então, manter um Estado, nos ideais neoliberais, forte em romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. Paulani (2006), elucida os principais aspectos da doutrina neoliberal, demonstrando de forma concisa seus pontos de ação:

⁷ Banco Central dos Estados Unidos da América.

⁸ Friedrich Hayek (1899-1992). Pensador e economista austríaco, autor de “O caminho da servidão” (1944), grande defensor do pensamento liberal e rival intelectual de Keynes.

- i. limitar o Estado ao mínimo necessário para garantir as regras do jogo capitalista, evitando regulações desnecessárias;
- ii. segurar com mãos de ferro os gastos do Estado, aumentando seu controle e impedindo problemas inflacionários;
- iii. privatizar todas as empresas estatais porventura existentes, impedindo o Estado de desempenhar o papel de produtor, por mais que se considerasse essencial e/ou estratégico um determinado setor;
- iv. abrir completamente a economia, produzindo a concorrência necessária para os produtores internos ganhassem em eficiência e competitividade.

Para Hayek, a disciplina orçamentária, contendo os gastos do Estado de Bem-Estar, a reestruturação da “taxa natural” de desemprego, com a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos, somado às reformas fiscais para incentivar os agentes econômicos, que significava a redução de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas – possibilitaria a constituição de uma nova e saudável desigualdade que voltaria a dinamizar a economia, que havia sido desastrosamente deformada de seu curso normal da acumulação e do livre mercado, no período de *Welfare State*, para os liberais. O crescimento só retornaria com a estabilidade monetária e quando os incentivos monetários tivessem sido restituídos (ANDERSON, 1992).

Nesse contexto, na Inglaterra, foi eleito o governo de Margaret Thatcher - primeiro país de capitalismo central, publicamente empenhado em pôr em prática o modelo neoliberal. O governo neoliberal inglês foi o pioneiro e mais puro modelo neoliberal. Em seu governo, Thatcher colocou em prática medidas claramente de cunho neoliberal: contraiu a emissão monetária, elevou a taxa de juros, baixou os impostos sobre os rendimentos altos, aboliu controles sobre os fluxos financeiros, criou um nível de desemprego massivo, sufocaram greves, criaram uma nova legislação anti-sindical e cortaram diversos gastos sociais (GOUGH, 1980). Além disso, desenvolveu um grande programa de privatização, começando pelo setor de habitação pública, em seguida para as indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e por fim, a água (ANDERSON, 1992).

Anderson enfatiza ainda que, sem sombra de dúvidas, esse foi o pacote de medidas neoliberais mais ambicioso e sistemático de todos países do capitalismo central, que acarretaram mudanças no paradigma das políticas sociais estatais, nas relações sociais e de trabalho, ocasionando conseqüências profundas no que diz respeito ao modo de vida e sociabilidade consolidadas até então.

V. O SUICÍDIO COMO FENÔMENO SOCIAL

Eu espero que quando ele (o estudo) apareça, as pessoas tenham uma melhor compreensão da realidade do fenômeno social sobre o qual elas não concordam comigo, porque o que aí eu estudo é a disposição social para o suicídio, a tendência dos grupos sociais para o suicídio, isolada de todas suas manifestações individuais (por abstração certamente, porque a ciência não isola seu objeto de nenhuma outra maneira) (DURKHEIM, 1896).

O presente capítulo objetiva explicitar por que, no contexto socio-histórico de surgimento da banda The Smiths, o apelo ao suicídio emerge com ênfase significativa nas letras deste grupo e obtém grande inserção no seio da juventude.

Para tanto, toma-se como referência principal os escritos de dois autores clássicos da Sociologia, quais sejam: “O Suicídio – um estudo sociológico”⁹ de Émile Durkheim e; “Sobre o suicídio” de autoria Karl Marx. Nesses livros, tais autores analisam o suicídio a partir das questões sociais que emergem em determinado contexto socio-histórico, caracterizando-o como fenômeno social.

O livro “O Suicídio: Estudo Sociológico” de Émile Durkheim, publicado em 1897, é considerado um dos estudos mais importantes para se compreender o suicídio como fenômeno social. Lukes (apud Nunes: 1998) destaca que até o século XVIII, o suicídio era tratado como um problema moral e considera que a obra de Durkheim foi fundamental para a análise deste fenômeno como um problema social.

Em sua obra, Durkheim avalia o suicídio munido do método estatístico e divide seu trabalho nas seguintes partes:

- a) Introdução: constituição do objeto de estudo e definição do mesmo.
- b) Primeira parte: fatores externos sociais.
- c) Segunda parte: causas sociais e tipos sociais.
- d) Terceira parte: o suicídio como fenômeno social.

Em sua análise, Durkheim ressalta “a sua maneira de interpretar a sociedade dentro de um referencial que tinha a dissolução social como questão básica” (NUNES, 1998:9).

Durkheim inicia seu estudo apontando a definição do conceito suicídio.

(...) é todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que

⁹ A análise sobre o livro de Durkheim realizada neste capítulo está baseada no artigo “O suicídio – reavaliando um clássico de literatura sociológica do século XIX” de Everardo Duarte Nunes, publicado no Caderno de Saúde Pública em 1998.

devia produzir esse resultado (DURKHEIM, apud, ARON, 2008: 476-477).

O autor busca compreender as relações existentes entre o contexto social e as variações da taxa de suicídio, que em sua compreensão são fenômenos sociais. Desta maneira discorda que o suicídio seja um ato estritamente individual, cuja explicação se situa somente no campo da psicologia. Para Durkheim, a explicação para o suicídio deve partir da relação entre o indivíduo e a sociedade. “A força que determina o suicídio não é psicológica, mas social. A discussão científica está centrada nesses dois termos: predisposição psicológica e determinação social” (ARON, 2008: 478).

Durkheim sugere que existem outros fatores, além dos individuais, que impliquem na decisão de um indivíduo, tal como seu caráter, antecedentes e fatos recentes da história privada.

Se em lugar de vermos no suicídio apenas eventos particulares isolados uns dos outros e que exijam, cada um deles, exame em separado, consideramos em dada sociedade durante um dado espaço de tempo, iremos verificar que o total assim obtido não é a simples soma de unidades independentes, um todo de coleção, mas que constitui por si mesmo um fato que é novo e *sui generis*, com unidade e individualidade, e pois com sua natureza própria, e que, além disso, essa natureza é eminentemente social (DURKHEIM, apud, NUNES, 1998:10).

O estudo baseado em estatísticas sobre o suicídio foi entendido por pesquisadores e teóricos como um estudo de moralidade, incluindo-o na categoria geral das estatísticas morais, juntos com eventos como assassinato e outros crimes (NUNES, 1998).

Entretanto, levando em consideração a perspectiva teórica que vinha desenvolvendo, Durkheim estabelece inúmeras correlações, juntamente com o levantamento de hipóteses, nas quais as taxas diferenciais de suicídio eram relacionadas a diversos fatores sociais, tais como: ocupação, urbanização, religião, mudança social, como também fatores não sociais: hereditariedade, raça, clima e a questão de o suicídio ser ou não uma questão de ordem mental (NUNES, 1998). O que confere muita importância a essa perspectiva estudo é que:

Havia também uma concordância geral que aceitava que a escalada das taxas globais de suicídios eram devidas à passagem da ordem tradicional a uma nova ordem e ao crescimento do industrialismo (LUKES, apud, NUNES, 1998:8).

Desta forma, fundamentado em uma longa tradição do pensamento europeu, Durkheim desenvolve seu estudo acerca do suicídio, cuja ênfase recai sobre o caráter imoral do suicídio. Utilizando-se de fontes estatísticas como elemento básico, destaca a relevância dos fatores extra-individuais na regularidade da taxa do suicídio e enfatiza que cada sociedade tem, em cada momento de sua história, uma predisposição para o suicídio.

Na primeira parte, dedica-se à análise dos fatores extra-sociais. Ele monta a relação suicídio-loucura, vigente nas afirmações da época e desenvolve uma classificação de suicídios cometidos por loucos, concluindo que “(...) não existe nenhum estado psicopático que mantenha com o suicídio uma relação regular e incontestável” (NUNES, 1998).

Na segunda parte do livro, o sociólogo trata das causas sociais e tipos sociais, dividindo o tema em: método para determinar as causas e tipos sociais; os tipos de suicídio: egoísta, altruísta e anômico; e apresenta suas conclusões. Nessa parte do estudo, Durkheim estabelece o núcleo de sua proposta, que fica evidenciada quando, com base na análise feita até então, diz:

Concluimos, de fato, que existe, para cada grupo social, uma tendência específica ao suicídio que nem a constituição orgânico-psíquica dos indivíduos, nem a natureza do ambiente natural explicam. Resulta disso, por eliminação, que essa tendência deve depender de causas sociais e constituir por si mesma um fenômeno coletivo; inclusive, certos fatos que examinamos, sobretudo as variações geográficas periódicas do suicídio, nos levaram expressamente a conclusão (DURKHEIM, apud, NUNES, 1998: 11).

Deste modo, parte para uma construção metodológica, da qual Nunes (1998) destaca “podemos constituir os tipos sociais de suicídio, não ao classificá-lo diretamente segundo as

suas características de antemão descritas, mas classificando as causas que a produzem” (DURKHEIM, apud NUNES, 1998:11)

Nesse sentido, o fenômeno será conhecido através de suas causas e não apenas de suas características, sendo descrito por Durkheim como uma construção de caráter etiológico. Portanto, é necessário destacar que para se entender o suicídio como um fenômeno social coletivo é preciso encará-lo dessa forma, usando dados estatísticos, segundo ele, indo do todo às partes, com a recomendação de deixar as individualidades de lado, pois o que se indagará é o estado dos meios sociais, em função dos quais o suicídio varia. Logo, o autor apresenta os três tipos de suicídio que constituem o ponto central de sua pesquisa: suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico.

O primeiro tipo de suicídio é analisado a partir da correlação entre a taxa de suicídio e os contextos sociais integradores, a religião e a família, sendo esta última considerada sob o duplo aspecto de casamento e prole.

Quanto mais se enfraquecem os grupos sociais a que ele (indivíduo) pertence, menos ele dependerá deles, e cada vez mais, por conseguinte, dependerá mais de si mesmo para reconhecer como regras de conduta tão somente as que se calquem nos seus interesses particulares. Se, pois, concordarmos em chamar de egoísmo essa situação em que o eu individual se afirma com excesso diante do eu social e em detrimento deste último, podemos designar de egoísta o tipo particular de suicídio que resulta de uma individualização descomedida (DURKHEIM, apud, NUNES, 1998:12).

Para definir a caracterização do suicídio altruísta, Durkheim estabelece um contraponto entre este e o suicídio egoísta. Afirmando que: "se, como acabamos de ver, uma individuação excessiva leva ao suicídio, a individuação insuficiente produz os mesmos efeitos. Quando desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e se mata também quando está por demais integrado nela". Ele diz que esse é um caso endêmico em sociedades inferiores (NUNES, 1998:13).

O terceiro tipo de suicídio, denominado anômico, é caracterizado por Durkheim a partir da relação entre as crises e crescimentos econômicos e a propensão ao suicídio. No que

diz respeito às crises, Durkheim destaca que essas perturbações de ordem coletiva impõem aos indivíduos uma série de restrições que os leva a não se ajustarem a novas condições.

Segundo Aron (2008:406), o que interessa a Durkheim “acima de tudo, chegando a ponto de obcecá-lo é a crise da sociedade moderna, definida pela desintegração social e pela debilidade dos laços que prendem o indivíduo ao grupo”.

Para Durkheim, o suicídio anônimo "depende não do modo como os indivíduos estão presos à sociedade, mas da maneira como esta os rege" e “decorre de que as atividades dos homens estão desregradas e que isto os faz sofrerem" (DURKHEIM, apud, NUNES, 1998: 13).

Conforme explicitarei no início deste capítulo, outra perspectiva que contribuiu para a análise pretendida foi o livro “Sobre o suicídio” (Karl Marx). Trata-se de uma peça escrita por Marx, lançada recentemente pela editora Boitempo de forma inédita no Brasil.

Na apresentação do livro, Ivana Jinkings nos informa que Jacques Peuchet, diretor dos Arquivos da Polícia de Paris durante o período da Restauração, foi uma espécie de co-autor deste ensaio, pois a peça é composta por passagens de um dos capítulos das memórias de Peuchet, intitulada “Du suicide et des ses causes”¹⁰.

Os inúmeros casos de suicídio observados por Peuchet ao longo de sua carreira nos departamentos de administração e de polícia despertaram sua atenção e interesse acerca das causas deste fenômeno, levando-o a traçar uma breve, porém profunda, análise das relações e comportamentos humanos degradantes enraizados na sociedade da época (JINKINGS, 2006: 9-10).

Segundo Lowy (2006), a temática do suicídio é importante tanto para Marx como para Peuchet, sobretudo como sintoma de uma sociedade doente. Marx (2006), ao analisar o

¹⁰ A publicação brasileira desta obra de Marx vem acompanhada do ensaio “Marx Insólito”, escrito por Michel Lowy. Segundo Lowy: “além de havê-lo assinado, Marx imprimiu sua marca ao documento de várias maneiras: na introdução escrita por ele, na seleção dos excertos, nas modificações introduzidas, pela tradução e nos comentários com que temperou o documento. Mas a principal razão pela qual essa peça pode ser considerada expressão das idéias de Marx é que ele não introduz qualquer distinção entre seus próprios comentários e os excertos de Peuchet, de modo que o conjunto do documento aparece como um escrito homogêneo, assinado por Karl Marx” (2006:14).

número anual de suicídios de Paris, constata que o mesmo deve ser considerado um sintoma da organização deficiente da sociedade. Para o pensador, nas épocas de paralisação e crises da indústria, em temporadas de encarecimento dos meios de vida e invernos rigorosos, esse sintoma é sempre mais evidente e assume caráter epidêmico.

Lowy (2006) enfatiza ainda que o interesse de Marx pelo capítulo de Peuchet recai mais sobre a questão da crítica radical que este faz da sociedade burguesa como forma de vida “antinatural”.

Marx discorda, de modo categórico, das correntes de pensamento que concebem o suicídio como um movimento antinatural, pois considera absurdo entender como antinatural um comportamento que acontece com tanta frequência. Afirma que não é antinatural, pois diariamente as pessoas são testemunhas do suicídio, “o que é contra a natureza, não acontece” (MARX, 2006:25).

Enquanto trabalhava na administração da polícia de Paris, uma das atribuições de Peuchet eram os casos de suicídio. Ele se interessava em saber se suas causas determinantes poderiam ser encontradas, visando prevenir o ato de suicídio em alguns casos.

Peuchet realiza um trabalho sobre o assunto e conclui: “descobri que, sem uma reforma total da ordem social de nosso tempo, todas as tentativas de mudança seriam inúteis” (2006:28).

Antes de começar a relatar os casos de suicídio, Peuchet constrói um aforismo importante para demonstração do presente trabalho: “(O) suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral (2006:29)”. Mais à frente, Marx na apresentação dos casos, constata que: “A classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade” (2006: 44).

Ao analisar diversos casos, Marx evidencia que algumas das causas dos suicídios estão diretamente relacionadas aos aspectos sócio-econômicos como: a exoneração de funcionários, a recusa de trabalho, a súbita queda de salários, fazendo com que as pessoas não tenham mais meios necessários para viver - Peuchet afirma: “Vê-se que, na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada” (2006:48).

Para Marx, a classificação do suicídio é uma classificação dos males da sociedade burguesa moderna, que não podem ser suprimidos sem uma transformação radical da estrutura da sociedade.

Na verdade, o trabalho pode ser visto como uma categoria central da organização social. A perda do emprego em uma nova lógica sócio-econômica posta em prática provoca uma corrosão de caráter nas pessoas. Para Sennett (2005), sociólogo e historiador, o caráter de um indivíduo é construído com o tempo, com qualidades como lealdade, compromisso e propósito. A instabilidade e o advento de crises não permitem a evolução dessas qualidades e contribuem para uma corrosão de caráter. Manter o valor pessoal diante da sociedade, sem estar trabalhando, é um grande desafio. Entende-se que os riscos provocados por uma crise e pela própria consolidação desta produzem um esvaziamento completo do indivíduo, em todos os sentidos, moral, cultural, social e político.

As perspectivas analisadas sobre o suicídio ajudam-nos a entender porque esse apelo faz sucesso nas músicas da banda *The Smiths*. Os autores avaliam o suicídio a partir da estrutura social e dos problemas que dela emergem em um determinado momento histórico. Tanto Marx quanto Durkheim fornecem estatísticas sobre o aumento do suicídio em suas regiões de estudo. Essa avaliação é feita para que se explique o aumento da taxa de suicídio, analisando-o como um fenômeno social. A desestrutura social, expressa na crise do Estado de Bem-Estar Social, traz conseqüências para a maioria da população no que diz respeito as suas condições de vida.

Quanto ao período estudado, em um artigo sobre depressão, Bahls (2002) aponta que o suicídio na Inglaterra e no País de Gales aumentou em 78% entre indivíduos com idade de 14 a 24 anos nas décadas de 80 e 90, período inicial de práticas do ideário neoliberal. Vale sublinhar que, apesar de o suicídio ser uma temática constante nas letras da banda em análise, ao contrário de outras contemporâneas da mesma¹¹, nenhum integrante levou o suicídio a termo. Em outras palavras, o apelo ao suicídio limitou-se às letras apenas.

Isso posto, no próximo capítulo, apresento a análise das letras selecionadas, assim como a concepção de linguagem que a orienta.

¹¹ Joy Division foi uma banda pós-punk formada no ano de 1976, em Manchester, Inglaterra. A banda acabou em 18 de Maio de 1980 após o suicídio do vocalista e guitarrista, Ian Curtis.

VI. LETRAS & ANÁLISE

Há um vínculo indissociável entre linguagem, produção de sentidos, contexto, comportamento social e atividades humanas, o que aponta para o entrelaçamento entre cultura, práticas discursivas, conhecimento e visão de mundo (Fabrício, 2006, 45 – 65).

Trago a citação acima, pois ela indica que o discurso é uma prática social situada sócio-historicamente. Assim, “se o discurso é de natureza social, os significados que construímos quando agimos no mundo social são definidores da realidade social a nossa volta e de nós mesmo” (MOITA LOPES, 2002: 197).

Vale enfatizar que a análise das letras foi feita a partir de uma perspectiva sócioconstrucionista da linguagem. Em outras palavras “a linguagem é vista como uma série de estratégias para negociar a paisagem social – um meio orientado para ação” (CRAWFORD, 1995: 17). Desse modo, “os significados que as pessoas constroem quando agem nas práticas discursivas são reveladoras de como compreendem o mundo a sua volta, a si mesmas e os outros como participantes desse mundo” (MOITA LOPES, 2002: 197).

Levando-se em consideração as letras da banda em questão, os significados construídos possibilitam compreender como os jovens daquela época compreendem a si mesmos e aos outros nas práticas sociais vivenciadas naquele contexto sócio-histórico, descrito no capítulo IV.

Uma vez explicitada concepção de linguagem desse estudo, apresento a análise das letras selecionadas¹², a saber: *Heaven Knows I'm Miserable Now* (1984), *That Joke Isn't Funny Anymore*, *Nowhere Fast* (1985), *Still Ill* e *There is a Light that Never Goes Out* (1986).

A primeira música a ser analisada é *Heaven Knows I'm Miserable Now*. O trecho a seguir representa bem a falta de esperança com dias melhores, a busca do emprego após a perda dos direitos conseguidos durante anos e quebrados com a chegada do Neoliberalismo.

**“Eu estava feliz na bruma de uma hora embriagada.
Mas o céu sabe que estou arrasado agora.
Estava procurando um emprego,
E então eu encontrei um emprego.
E o céu sabe que eu estou arrasado agora
Por que eu desperdiço um tempo precioso.
Com pessoas que não se importam se eu estou vivo
Ou morto?”**

A segunda letra é *Nowhere Fast*, que representa além desse sentimento de falta de esperança, um sentimento de indignação acerca da situação vivida.

**“E quando estou deitado na minha cama
Eu penso sobre a vida
E penso sobre a morte
E nenhuma das duas particularmente me interessa
E se chegasse o dia em que eu sentisse uma natural
Emoção natural
Eu entraria em choque e provavelmente deitaria
No meio da rua e morreria**

¹² A letra completa de cada música consta em anexo.

Eu deitaria e morreria”.

Still Ill promove uma expressão de decepção e remete ao passado glorioso que não pode ser reconquistado; sonhos que não voltam mais. Tal sentimento é representado como uma doença.

**“Eu declaro hoje que a vida
É simplesmente tomar e não dar
A Inglaterra é minha e me deve o sustento
Pergunte o porquê, e eu cuspirei em seus olhos
Pergunte o porquê, e eu cuspirei em seus olhos
Mas não podemos
Nos apoiar nos velhos sonhos nunca mais
Não, não podemos mais
Nos apoiar nos velhos sonhos”**

There is a Light That Never Goes Out, uma das músicas mais famosas da banda, reproduz a falta de vontade de viver nesse mundo. A não vontade de ir para casa, de se divertir, mesmo que seja de forma vazia, para tentar esquecer tudo que está acontecendo e toda situação que a população vive, apenas para anestesiá-la um pouco do momento que todos vivenciam.

**“Me leve para sair esta noite
Onde exista música e pessoas
Que sejam jovens e vivas
Dirigindo no seu carro
Eu nunca nunca quero ir para casa
Porque eu não tenho mais uma casa**

**Me leve para sair esta noite
Porque quero ver gente
E eu quero ver luzes
Dirigindo no seu carro
Oh ! Por favor, não me abandone em casa**

**Porque esta não é minha casa, é a casa deles
E eu não sou mais bem-vindo.”**

A última letra que compõe esse trabalho é a da música *That Joke isn't Funny Anymore*. Esta revela uma grande metáfora para o momento que a Inglaterra vive, em que tudo que se passa não é “engraçado”, pois a situação é desesperadora e é tudo muito doloroso para a população. Além disso, retoma a sensação de desesperança em relação à vida e à vontade de deixar a vida, provocadas pelo contexto e mudanças bruscas nas políticas sociais.

**“Quando você ri das pessoas que se sentem tão sozinhas
Que o único desejo é morrer
Bem, eu receio que isso não me faz sorrir
Eu gostaria de poder rir**

**Mas esta piada não tem mais graça
É muito familiar, e é muito doloroso
É muito familiar, e é muito doloroso
Mais do que você jamais vai saber...”**

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, tendo em conta as idéias defendidas ao longo da monografia, concluo que a temática do suicídio, presente nas letras da banda *The Smiths*, faz sucesso no seio da juventude inglesa, naquele momento histórico, posto que o contexto de mudanças sociais propiciava o acolhimento do tema. Aqui, analiso o suicídio como um fenômeno social, influenciado pelo contexto vivenciado pela juventude britânica, considerando-se também as condições humanas nas quais encontrava-se imersa. Ademais, relaciono três aspectos significativos: a trajetória da banda, o contexto sócio-histórico e a temática do suicídio.

Reitero também a relevância de descrever o contexto sócio-histórico - Inglaterra dos anos 80, problematizando o suicídio como uma questão social e compreendendo a linguagem como ação no mundo social.

Por fim, acredito que contribuo para discutir a relação entre a temática do suicídio, recorrente nas letras dos *The Smiths* e o contexto sócio-histórico que serve de cenário para o sucesso de uma banda cara a uma geração que testemunhou e vivenciou os acontecimentos dos anos 80.

ANEXOS

ANEXO I

Heaven Knows I'm Miserable Now

I was happy in the haze of a drunken hour
 But heaven knows I'm miserable now
 I was looking for a job, and then I found a job
 And heaven knows I'm miserable now
 In my life
 Why do I give valuable time
 To people who don't care if I live or die?
 Two lovers entwined pass me by
 And heaven knows I'm miserable now
 I was looking for a job, and then I found a job
 And heaven knows I'm miserable now
 In my life
 Oh, why do I give valuable time
 To people who don't care if I live or die?
 What she asked of me at the end of the day
 Caligula would have blushed
 "You've been in the house too long", she said
 And I naturally fled
 In my life
 Why do I smile
 At people who I'd much rather kick in the eye?
 I was happy in the haze of a drunken hour
 But heaven knows I'm miserable now
 "You've been in the house too long", she said

And I naturally fled
 In my life
 Why do I give valuable time
 To people who don't care if I live or die?

Heaven Knows I'm Miserable Now (tradução)
 O Céu Sabe Que Estou Arrasado Agora.

Eu estava feliz na bruma de uma hora embriagada
 Mas o céu sabe que estou arrasado agora
 Estava procurando um emprego
 E então eu encontrei um emprego
 E o céu sabe que eu estou arrasado agora
 Na minha vida
 Por que eu desperdiço um tempo precioso
 Com pessoas que não se importam
 Se eu estou vivo ou morto?

Dois amantes enlaçados passam por mim
 E o céu sabe que eu estou arrasado agora
 Estava procurando um emprego
 Então eu encontrei um emprego
 E o céu sabe que eu estou arrasado agora
 Na minha vida
 Por que eu desperdiço um tempo precioso
 Com pessoas que não se importam
 Se eu estou vivo ou morto?

O que ela me pediu ao final do dia
 Faria Calígula corar
 "Você está nesta casa há tempo demais", ela disse
 E eu naturalmente fugi
 Na minha vida

Por que será que eu sorrio
 Para pessoas a quem eu preferiria muito mais chutar no olho?

Eu estava feliz na bruma de uma hora embriagada
 Mas o céu sabe que estou arrasado agora
 "Você está nesta casa há tempo demais", ela disse
 E eu naturalmente fugi
 Na minha vida
 Por que eu desperdiço um tempo precioso
 Com pessoas que não se importam
 Se eu estou vivo ou morto?

ANEXO II

Nowhere Fast

I'd like to drop my trousers to the world
 I am a man of means (of slender means)
 Each household appliance
 Is like a new science in my town
 And if the day came when I felt a
 Natural emotion
 I'd get such a shock I'd probably jump
 In the ocean
 And when a train goes by
 It's such a sad sound
 It's such a sad thing
 I'd like to drop my trousers to the Queen
 Every sensible child will know what this means
 The poor and the needy
 Are selfish and greedy on her terms
 And if the day came when I felt a
 Natural emotion
 I'd get such a shock I'd probably jump
 In the ocean
 And when a train goes by
 It's such a sad sound
 It's such a sad thing
 And when I'm lying in my bed
 I think about life
 And I think about death
 And neither one particularly appeals to me
 And if the day came when I felt a

Natural emotion
 I'd get such a shock I'd probably lie
 In the middle of the street and die
 I'd lie down and die

Nowhere Fast (tradução)

Nenhum Lugar Rápido

Eu gostaria de baixar minhas calças para o mundo
 Sou um homem de intenções (de frágeis intenções)
 Cada eletrodoméstico parece
 Uma nova da ciência na minha cidade

E se chegasse o dia em que eu sentisse uma emoção natural
 Eu entraria em choque e provavelmente me jogaria no oceano
 E quando um trem parte
 É um som tão triste
 Não...
 É uma coisa muito triste

Eu gostaria de baixar minhas calças para a rainha
 Qualquer criança sensível saberá o que isso significa
 Os pobres e necessitados
 São mesquinhos e gananciosos no ponto de vista dela
 E se chegasse o dia em que eu sentisse uma emoção natural
 Eu entraria em choque e provavelmente me jogaria no oceano
 E quando um trem parte
 É um som tão triste
 Não...
 É uma coisa muito triste

E quando estou deitado na minha cama
 Eu penso sobre a vida
 E penso sobre a morte
 E nenhuma das duas particularmente me atrai
 E se chegasse o dia em que eu sentisse uma emoção natural
 Eu entraria em choque e provavelmente deitaria

No meio da rua e morreria
 Eu deitaria e morreria

ANEXO III

Still III

I decree today that life
 Is simply taking and not giving
 England is mine - it owes me a living
 But ask me why, and I'll spit in your eye
 Oh, ask me why, and I'll spit in your eye
 But we cannot cling to the old dreams anymore
 No, we cannot cling to those dreams
 Does the body rule the mind
 Or does the mind rule the body ?
 I dunno...
 Under the iron bridge we kissed
 And although I ended up with sore lips
 It just wasn't like the old days anymore
 No, it wasn't like those days
 Am I still ill ?
 Am I still ill ?
 Does the body rule the mind
 Or does the mind rule the body ?
 I dunno...
 Ask me why, and I'll die
 Oh, ask me why, and I'll die
 And if you must, go to work - tomorrow
 Well, if I were you I really wouldn't bother
 For there are brighter sides to life
 And I should know, because I've seen them
 But not very often
 Under the iron bridge we kissed
 And although I ended up with sore lips
 It just wasn't like the old days anymore

No, it wasn't like those days
 Am I still ill ?
 Oh, am I still ill ?

Still Ill (tradução)

Ainda Doente

Eu declaro hoje que a vida
 É simplesmente tomar, e não doar
 A Inglaterra é minha
 E me deve o sustento
 Me pergunte porque, e eu cuspirei em seus olhos
 Me pergunte porque, e eu cuspirei em seus olhos
 Mas não podemos nos agarrar
 Nos velhos sonhos nunca mais
 Não, não podemos mais nos agarrar
 Naqueles sonhos

O corpo governa a mente
 Ou a mente governa o corpo?
 Eu não sei...

Debaixo da ponte de aço nos beijamos
 E embora eu tenha ficado com os lábios doloridos
 Não foi como nos velhos tempos
 Não, não foi como naqueles dias
 Estarei eu ainda doente?
 Oh não, oh não!...

O corpo governa a mente
 Ou a mente governa o corpo?
 Eu não sei

Me pergunte porque, e eu morrerei
 Me pergunte porque, e eu me morrerei

E se você precisa trabalhar amanhã
 Bem, se eu fosse você eu não me incomodaria
 Por que existem lados mais brilhantes da vida
 E eu deveria saber, pois os tenho visto
 Mas não com muita frequência

Debaixo da ponte de aço nos beijamos
 E embora eu tenha ficado com os lábios doloridos
 Não foi como nos velhos tempos
 Não, não foi como naqueles dias
 Estarei eu ainda doente?

ANEXO IV

There is a Light Never Goes Out

Take me out tonight
 Where there's music and there's people
 Who are young and alive
 Driving in your car
 I never never want to go home
 Because I haven't got one
 Anymore
 Take me out tonight
 Because I want to see people
 And I want to see lights
 Driving in your car
 Oh please don't drop me home
 Because it's not my home
 It's their home
 And I'm welcome no more
 And if a double-decker bus
 Crashes into us
 To die by your side
 Such a heavenly way to die
 And if a ten-ton truck
 Kills the both of us
 To die by your side
 Well, the pleasure and the privilege is mine
 Take me out tonight
 Oh take me anywhere
 I don't care, I don't care, I don't care
 And in the darkened underpass
 I thought "Oh God, my chance has come at last"

But then a strange fear gripped me
 And I just couldn't ask
 Take me out tonight
 Take me anywhere
 I don't care, I don't care, I don't care
 Just driving in your car
 I never never want to go home
 Because I haven't got one
 Oh, I haven't got one
 There is a light that never goes out
 There is a light that never goes out
 There is a light that never goes out
 There is a light that never goes out...

There Is a Light That Never Goes Out (tradução)

Há Uma Luz Que Nunca Se Apaga

Me leve para sair esta noite
 Onde exista música e pessoas
 Que sejam jovens e vivas
 Dirigindo no seu carro
 Eu nunca mais quero ir para casa
 Porque eu não tenho mais uma casa

Me leve para sair esta noite
 Porque quero ver gente e eu
 Quero ver luzes
 Dirigindo no seu carro
 Oh por favor não me abandone em casa
 Porque esta não é minha casa, é a casa deles
 E eu não sou mais bem-vindo, não mais

E se um ônibus de dois andares
 Batesse em nós
 Morrer ao seu lado
 Que jeito divino de morrer
 E se um caminhão de dez toneladas
 Matasse a nós dois
 Morrer ao seu lado
 O prazer e o privilégio seriam meus

Me leve para sair esta noite
 Oh me leve para qualquer lugar, eu não me importo
 E numa passagem subterrânea escurecida
 Eu pensei "Oh Deus, minha chance finalmente chegou"
 (mas então um estranho medo me tomou e eu simplesmente

Não pude pedir)

Me leve para sair esta noite
 Oh me leve para qualquer lugar, eu não ligo
 Eu não ligo, eu não ligo
 Simplesmente dirigindo no seu carro
 Eu nunca mais quero ir para casa
 Porque não tenho mais uma casa
 Eu não tenho mais

E se um ônibus de dois andares
 Batesse em nós
 Morrer ao seu lado
 Que jeito divino de morrer
 E se um caminhão de dez toneladas
 Matasse a nós dois, morrer ao seu lado
 O prazer e o privilégio seriam meus.
 Há uma luz que nunca se apaga (3x)
ANEXO V

That Joke isn't Funny Anymore

Park the car at the side of the road
 You should know
 Time's tide will smother you
 And I will too
 When you laugh about people
 Who feel so very lonely
 Their only desire is to die
 Well I'm afraid
 It doesn't make me smile
 I wish I could laugh
 But that joke isn't funny anymore
 It's too close to home
 And it's too near the bone
 It's too close to home
 And it's too near the bone
 More than you'll ever know
 (kick them when they fall down
 kick them when they fall down
 Why must you
 kick them when they fall down
 kick them when they fall down)
 It was dark as I drove the point home
 And on cold leather seats
 Well, it suddenly struck me
 I just might die
 With a smile on my face after all
 I've seen this happen in other people's lives
 And now it's happening in mine

That Joke Isn't Funny Anymore (tradução)

Esta Piada Não Tem Mais Graça

Estacione o carro ao lado da estrada
Você deveria saber
A maré do tempo vai te sufocar
E eu vou também

Quando você ri de pessoas que se sentem tão sozinhas
Que o seu único desejo é morrer
Bem, eu receio que isso não me faça sorrir
Eu gostaria de poder rir

Mas esta piada não tem mais graça
É muito familiar, e é muito doloroso
É muito familiar, e é muito doloroso
Mais do que você jamais vai saber

(Chute-os quando eles caírem
Chute-os quando eles caírem...)

Estava escuro quando eu dirigia para casa
E em bancos frios de couro
Bem, de repente eu percebi:
Talvez eu possa morrer
Com um sorriso no meu rosto no final das contas

Eu vi isto acontecer na vida de outras pessoas
E agora está acontecendo na minha
Eu vi isto acontecer na vida de outras pessoas

E agora está acontecendo na minha...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. A trama do neoliberalismo: mercado, crise e exclusão social. In: Pós-Neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado Democrático. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 7ª edição, 2008.

BAHLS, Saint-Clair. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. 2002. Jornal de Pediatria. Rio Janeiro. Vol.78 n°5 Porto Alegre. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572002000500004>. Acessado em: 20 nov, 2009.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Lingüista aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: Por uma lingüista aplicada indisciplinar. Moita Lopes [org.], São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

FALEIROS, Vicente de Paula. O que é política social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

FIORI, José Luís. Estado do Bem-Estar Social: Padrões e Crises. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <www.iea.usp.br/artigos>. Acesso em: 20 nov, 2009.

GOUGH, Ian. Thatcherism and the Welfare State. In: Marxism Today. 1980

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

Homepage oficial dos The Smiths: <http://www.askmeaskmeaskme.com>. Acesso em 05 de maio de 2009.

LACOSTE, Ives; Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: A geopolítica do inglês. São Paulo: Editora Parábola, 2005.

LUKES, Steven. Carta para Bouglè. Èmile Durkheim: His Life and Work. England: Penguin Books, pág. 193, 1977.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

NUNES, Everardo Duarte. O suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública v.14 n.1: 7-34. 1998.

O'CONNOR, Justin. Local music policies within a global music industry: cultural quarters in Manchester and Sheffield. Liverpool, 2000.

PAULANI, Leda Maria. O projeto neoliberal pra sociedade brasileira: sua dinâmica e seus impasses. In: Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Cap. 3, pág 68-83, 2006.

SENNETT, Richard. A Corrosão do Caráter: Conseqüências pessoais do trabalho novo capitalismo. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TRUPPEL, Tatiana Karine. Dinâmica da economia capitalista contemporânea do fordismo à economia informacional: conseqüências para o trabalhador. Santa Catarina. 2007.